SOCIOLINGÜÍSTICA
ANÁLISE DESCRIÇÃO DO FALAR DE FUNKEIROS
DENTRO DA COMUNIDADE DA ROCINHA⁴¹

Vanessa Silva de Souza (UNESA)
Nataniel dos Santos Gomes (UNESA)

RESUMO

O trabalho tem como objetivo falar do linguajar usado pelos funkeiros, na maior favela da América Latina, que é a Rocinha, com intuito de mostrar as formas sintáticas e seu vocabulário que se misturam com o nordestino, do pagodeiro, da malandragem, usando dados como classe social, idade média e escolaridade, por exemplo:

A grande marca de grupo consonantal: troca de L pelo R

Formas sintáticas: É nós na fita. (colocação do verbo de ligação antes do pronome).

Vocabulário: Chuchuca (mulher bonita), Já é! (frase afirmando alguma coisa), Ta ligado? (está prestando atenção, frase interrogativa), Que filé! (homem bonito), Sangue bom (pessoa de boa índole).

Classe social: classe baixa com renda máxima de 2 salários mínimos, por família.

Idade média: entre 14 e 25.

Nível de escolaridade: A grande maioria não chega a concluir o Ensino Fundamental.

Tais expressões foram se difundido para outras comunidades carentes do Rio de Janeiro, sendo usadas também por adolescentes de classe alta e média, para o desespero de seus pais.

Palavras-chave: Sociolingüística; Falar; Funkeiro; Sintaxe; Gíria

O trabalho tem como objetivo, inicial falar do linguajar usado pelos funkeiros, o *corpus* deste estudo será a os funkeiros da Favela da Rocinha, já que se trata na verdade de um grupo social.

O mesmo tem o intuito de mostrar as formas sintáticas, vocabulares, e semânticas, com características de outros grupos sociais que são os nordestinos, dos pagodeiros, da malandragem, usando dados como meio ambiente, classe social, idade média e escolaridade.

⁴¹ Trabalho apresentado no VII CNLF, em agosto de 2003.

Para falarmos deste grupo social, antes temos a obrigação de contar a origem e como surgiu o *funk* no Rio de Janeiro e quais os primeiros bailes e as equipes de som pioneiras neste movimento.

A música *funk* é de origem africana, e teve início EUA com o nome de *soul*, depois passou a se chamar *black-music*, *break* e enfim, *funk*.

A estrutura musical do *funk* é feita com instrumentos como guitarra, bateria e principalmente contra baixo.

No Brasil o *funk* existe há pouco mais de vinte anos, mas no EUA já existe há 50 anos.

Nos Estados Unidos o movimento teve como principal colaborador e pioneiro James Brown e sua magnífica banda JB'S e George Benson que também foi um grande cantor deste estilo e também responsável pela mudança de nome do nosso conhecido cantor brasileiro Jorge Ben, que passou a assinar Jorge Ben Jor, para evitar semelhanças que estavam ocorrendo na época.

O *funk* no Brasil originou-se também do movimento Black-power (força negra) dos anos 70, que foi criado por cantores cariocas com Tim Maia que incorporou o samba ao *funk* e *soul*, mas foi Gerson Combo, carioca do bairro de Madureira, que lançou o *funk* fiel às raízes americanas gravando dois vinis na mesma década.

Jorge Ben Jor, foi um grande “mesclador” de Funk, Soul e Samba o álbum “África Brasil” de 1976 contém obras primas como "Ponta de Lança Africano" "Umbabarauba (homem gol)", "Taj Mahal", "Xica da Silva" que são exemplos dessa mistura musical.

No início os bailes Funk começaram nos bairros suburbanos do Rio de Janeiro que contavam com as equipes de som Furacão 2000⁴² e Soul Grand Prix⁴³.

O *funk* a princípio era música do pobre para pobre, agora isso mudou e o estilo contagiou todas as classes que tocam as músicas Funk em boites famosas do Rio de Janeiro, tal movimento contagiou

⁴² Iniciou seus bailes em Petrópolis no período do movimento Soul.

⁴³ Não existe mais.

os paulistas e soteropolitanos, que também contratam as equipes de som do Rio, para darem bailes *funks* nas cidades citadas.

Os bailes são freqüentados por adolescentes de 14 e 18 anos e a grande maioria não tem o nível fundamental com renda máxima de 4 salários mínimos por família. Porém, existem exceções como é o caso de um casal de irmãos, dos quais entrevistei, que tem as idades de 19 e 24 anos, ambos tem o ensino médio completo, trabalham e sempre que podem fazem concursos públicos e a renda familiar é de 8 salários mínimos. Tal fato descarta a hipótese de que todos os funkeiros são vagabundos, não têm nível de escolaridade e não gostam de trabalhar e são miseráveis.

Vejamos agora algumas marcas do falar de seus freqüentadores.

Têm a grande marca de grupo consonantal que é a troca do L pelo R: (fenômeno chamado pelos lingüístas de rotacismo).

“Qual é o problema?” substituto de problema ou tal forma e substituída por pobrema

“Peguei ele no fragra.” Ao invés de flagra

MARCAS SINTÁTICAS

O grupo social em tela tem com característica do português não-padrão a “simplificação das conjugações verbais” que é a variação verbal apenas na 1ª pessoa do singular.

“Us pessoal tá fazendo confusão”. (marca do falar nordestino faz com que o carioca da favela substitua o “o” pelo “u” com o acréscimo do s de plural onde deveria ter o artigo no singular porque o morfema “pessoal” e coletivo de muita gente e não necessita de artigo no plural).

A oração acima tem a marca explícita do que chamamos tendência do menor esforço, que é características de grupos de grande desenvolvimento lingüístico do português não-padrão.

“Nóis vai!” (além do verbo não acompanhar o sujeito (nós), este último é pronunciado com um **i** pós-posto ao **o** e anteposto ao **s** formando assim nós).

No exemplo acima temos o enxugamento das redundâncias do português padrão⁴⁴.

“É nós na fita.” (colocação do verbo de ligação antes do pronome).

“Tiramu fotos.” (não põem a pessoa que teria que acompanhar o verbo e este não está no plural e sim no singular, já que na verdade várias pessoas tiraram fotos e não uma).

Os casos acima mostram, que os falantes deste grupo social não precisam por o artigo, verbo e objeto no plural, para a oração ser compreendida basta marcar apenas um deles que geralmente é o artigo ou pronome-sujeito quando se encontra na oração.

MARCA SEMÂNTICA

Palavra *caô* dependendo do contexto em que se encontrar tem significado diferente como, por exemplo:

a) “Tá cheia de *caozinho*.” (está nervosa ou cheia de gracinha).

b) “É *caô*!” (quer dizer mentira)

c) “Adriana arrumou um *caô* com Marcela.” (neste caso a palavra tem o significado de briga ou confusão).

Tal palavra é o que chamamos de palavra inventada pelos cariocas funkeiros de comunidades carentes.

MARCA LEXICAL

Jargão é uma palavra medieval, encontrada em provençal e em Francês Jargon, termo este usado pelos lingüistas para descrever ou censurar as variações de uma determinada língua falada.

⁴⁴ “O excesso de marcas para indicar um único fenômeno”(BAGNO, 2001: 66)

O jargão está ligado diretamente ao ouvinte-falante de um grupo social.

O termo jargão, mais tarde foi usado por Chaucer para descrever o gorjeio dos pássaros. Esta palavra era usada para designar a fala ininteligível, tal como um gargarejo. Em Inglês do século XVI era chamado *gibbrish* (gorjeio) *gabble* (lengalenga) para designar o jargão, já que está havia se espalhado por outras línguas como o italiano (gergo ou zergo), espanhol (jerga, jeringonza) e português (geringonça).

Espalhando-se de uma língua para outra o termo jargão mudou seu significado e passou a ser referência para qualificar a linguagem do submundo ou gíria (como dizem as pessoas leigas nos assuntos lingüísticos) que são os mendigos, ladrões e vigarista, e mais atualmente pessoas de classes carentes, moradores de favelas dentre eles nordestinos, funkeiros, pagodeiros, etc...

Uma antilinguagem de uma contracultura ou linguagem para marginais.

Como podemos ver, o preconceito lingüístico sempre existiu e as variações idem.

“Chapa quente” – Palavra usada pelos funkeiros quando vai começar ou começou uma briga ou confusão.

“Tá na pista” – Quando a pessoa está sem fazer nada, está à toa ou na rua vadiando, na verdade desocupado.

“Tô bolado” – É quando a pessoa está extremamente preocupada com alguma coisa ou quando algo este perturbando.

“Alemão” – Esta palavra é usada para designar o inimigo ou pessoa estranha na comunidade, na verdade este termo foi inspirado nos alemães já que estes eram inimigos de outros países na 2ª guerra mundial.

“Chuchuca” – Quando a pessoa do sexo feminino é muito bonita, delicada, fofinha, como poderíamos dizer uma garota para se namorar (“coisinha bonitinha”).

“Já é!” – Palavra usada para confirmação de algum compromisso.

“Ta ligado?”

Usada para chamar a atenção de algo para saber se ouvinte-falante está atento no que o outro fala. Usada com frase interrogativa.

“Que filé!” – Usada tanto pelo sexo feminino e pelo masculino está palavra designa pessoa bonita, atraente, mais especificamente para elogio. Frase exclamativa.

“Sangue bom” – Para designar uma pessoa de boa índole, boas intenções, que ajuda as outras, que tem um bom coração. E para designar uma pessoa má, cafajeste e inescrupulosa, a este designado o nome de “sangue ruim” ou “sangue de cazuza”.

“Cachanga” – A grande maioria usa este termo substituindo palavra “casa”, mas o sentido e o mesmo de residência ou moradia.

“Traíra” – Palavra usada para denominar uma pessoa não confiável, traidora e falsa, na verdade para este palavra ser formada foi tirada apenas a penúltima sílaba da palavra “traidora”.

“Só no truque” – Quando a pessoa se sai muito bem ou quando é perspicaz e alguma situação que necessite inteligência.

CONCLUSÃO

Ao concluirmos este trabalho introdutório, que teve como objetivo não só descrever, mais também mostrar, que cada grupo social ou lingüístico têm pontos muito interessantes a salientarmos e levarmos em conta a importância da Sociolingüística Variacionista e o estudo dialeto para que pessoas que se dizem cultas, mas ignorantes na área não tenham preconceito lingüísticos quando depararem com os fenômenos relatados e descritos acima.

Como vimos à história da formação de um Jargão é muito importante para entendermos um grupo social e suas raízes, como é o caso do trabalho em tela, que precisou saber-se a origem da música e seu movimento, e porque a variação e vista com preconceito, já que na antiguidade está era a linguagem falada por marginais, mendigos, etc. Sempre relacionada ao submundo e estigmatizada pela classe

dominante e como nos dias sempre foi uma preocupação dos estudiosos.

Temos, que cada vez mais abrir espaço para os estudos das variações linguísticas, para que pessoas não sejam excluídas da sociedade, por causa do modo com falam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *A Língua de Eulália*. São Paulo: Contexto, 2001.

BURKE, Peter & PORTER, Roy. *Línguas e jargões*. São Paulo: Unesp, 1997.

MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina. *Introdução à lingüística*. Domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolingüística*. São Paulo: Ática, 2001.